

DIALOGISMO E AFASIA: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE UM SUJEITO EM INTERAÇÃO DIALÓGICA¹

DIALOGISM AND APHASIA: DISCURSIVE STRATEGIES OF A SUBJECT IN DIALOGIC INTERACTION

Ivone Panhoca

Doutora em Linguística

Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP

(ivone.panhoca@gmail.com)

Rosana Novaes-Pinto

Doutora em Linguística

Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP

(ronovaes@iel.unicamp.br)

Evani Andreatta A. Camargo

Doutor em Linguística

Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP

(evaniamaral@gmail.com)

Priscila Marques Toneli

Mestre em Linguística

Instituto de Estudos da Linguagem/ UNICAMP

(pmttoneli@gmail.com)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise de estratégias discursivas que um sujeito afásico utiliza durante atividades dialógicas. Embora este sujeito tenha dificuldades linguísticas ao falar por causa de sua afasia, ele consegue manter-se sujeito da linguagem e busca alcançar seu querer dizer durante a interação dialógica, utilizando-se dessas estratégias. Optamos por uma análise que considerasse a linguagem do sujeito em práticas dialógicas, não utilizando uma metodologia quantitativa que reduzisse a linguagem do sujeito afásico ao que foi perdido, mas que, qualitativamente, observasse as dificuldades que esse sujeito tem e como ele reorganiza seus enunciados, após a lesão cerebral. Por isso, fizemos uso de uma metodologia qualitativa, conforme Minayo (1989, 2000), para o desenvolvimento da pesquisa e respaldamos nossa análise nos trabalhos de Coudry (1986/1988, 1995), Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999) e Bakhtin (1992ab).

Palavras-chave: Afasia; Neurolinguística; Dialogismo; Enunciação

ABSTRACT: This paper presents an analysis of discursive strategies, which an aphasic subject uses during dialogic activities. In spite of having linguistic difficulties to speak because of his aphasia, the subject is able to maintain the command of the language and can also produce comprehensible utterances during a discursive interaction through the use of those strategies. We attempt to focus on a kind of analysis that could consider the language of that subject as dialogue practices, not using a quantitative methodology that could reduce the language of aphasic subject but, qualitatively, observing the difficulties

¹ Pesquisa desenvolvida dentro do projeto de doutorado processo Fapesp 2010/ 06748-9.

that our subject has and how he reorganizes the statements after the brain damage. So, we used a qualitative methodology according to Minayo (1989, 2000) for conducting the research and, besides that, we supported our analysis in the works of Coudry (1986/1988, 1995), Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999) and Bakhtin (1992ab).

Key-words: Aphasia; Neurolinguistics; Dialogism; Enunciation

Introdução

Considerando a afasia uma perturbação na linguagem de sujeitos com lesão cerebral, um estudo linguístico que tome como foco um determinado tipo de afasia, primeiramente, deve considerar uma descrição dos aspectos da linguagem prejudicados e também a compreensão da natureza e da estrutura da comunicação que parou de funcionar, conforme explica Jakobson (1982).

Em vista disso, atualmente, há vários trabalhos que mostram grandes avanços no estudo das afasias, por meio da Neurolinguística Discursiva, uma área da Linguística que estuda a linguagem e o seu funcionamento cerebral, focando na descrição e na discussão dos aspectos linguísticos. Autores como Coudry (1986/1988, 1995), Novaes-Pinto (1992, 1997, 1999), entre outros são orientados por uma concepção de linguagem como atividade constitutiva do sujeito que assume que a significação é construída no ato discursivo e não uma relação congelada entre as expressões e seus sentidos.

Anteriormente a esses trabalhos, Jakobson (1982) já argumentava que a aplicação de critérios puramente linguísticos é de essencial importância para a interpretação e classificação dos fatos da afasia.

Jakobson também chama a atenção ao fato de que um trabalho sobre as afasias não pode se limitar apenas à análise do sistema gramatical (fonológico, sintático, morfológico e semântico) do sujeito cérebro-lesionado, pois tal análise só mostraria o que foi afetado gramaticalmente, pois, embora esse sujeito apresente dificuldades gramaticais, ele consegue se comunicar em situações dialógicas, usando as capacidades linguísticas que ainda restam, buscando a significação, de acordo com a situação em que está inserido.

Novaes-Pinto (2010) chama a atenção para questões socioculturais e subjetivas que permeiam a linguagem e para o modo como os afásicos lidam com suas dificuldades ao construir significados em sua fala, ou mesmo com o sofrimento desses sujeitos por não completar o seu **querer-dizer**. Assim, diante dessa

incompletude da linguagem, esses sujeitos, às vezes, não conseguem dar um **acabamento** (ainda que não que seja finalizado) aos seus enunciados. A autora ressalta a importância das ideias de Bakhtin para abordar questões relativas às alterações de linguagem na afasia, pois, na maioria das vezes, a fala de sujeitos afásicos não pode ser enquadrada dentro de modelos teóricos abstratos, não pode ser caracterizada como **sentenças** ou **orações**.

Com base no apresentado, propomos neste trabalho analisar como um sujeito cérebro-lesionado, diante de suas dificuldades com a organização gramatical, mantém-se sujeito em práticas dialógicas. Partimos da hipótese de que mesmo que a lesão tenha provocado dificuldades gramaticais com a linguagem, esse sujeito se utiliza de algumas estratégias discursivas para driblar tais dificuldades em práticas dialógicas. Nosso então objetivo é identificar quais estratégias são utilizadas pelo sujeito observado.

Assim, para analisar os dados do sujeito, denominado como RT, optamos por seguir uma metodologia qualitativa de pesquisa (MINAYO, 1989 e 2000), uma abordagem teórica enunciativo-discursiva, conforme proposta por Coudry (1986), que considera a linguagem do sujeito em práticas dialógicas, e alguns conceitos de Bakhtin (1992ab) e que será apresentada a seguir.

Os dados utilizados para a análise foram gravados durante uma conversa informal entre a Investigadora e o sujeito afásico, RT. Optamos por esse método de obtenção dos dados para que pudéssemos observar as estratégias utilizadas por RT em práticas discursivas cotidianas. Apresentamos nossa análise

Nas próximas seções, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam este trabalho, e na sequência a metodologia de trabalho, a análise com base nos princípios teóricos, finalizando o texto com nossas considerações sobre este trabalho.

Abordagem enunciativo-discursiva

Conforme Coudry (2002), **afasia** é uma perturbação na linguagem que pode comprometer todos os níveis de organização da linguagem: fonético-fonológico, sintático, semântico e pragmático, em sujeitos com lesão cerebral. A

autora afirma, ainda, que “a afasia afeta tanto um nível linguístico quanto sua relação com os demais, no funcionamento discursivo da linguagem” (p. 111).

Coudry considera que a **linguagem** é um fenômeno histórico, cultural e social, além de ter um caráter indeterminado no que se refere aos processos de significação, enquanto a **língua** é uma atitude frente aos fatos da linguagem, pois as formas linguísticas se relacionam com os fatores culturais (COUDRY, 2002).

A perspectiva de linguagem em uma abordagem discursiva vê o sujeito em suas preocupações e em diversas situações pragmáticas, o que resulta uma visão que prima uma forma de pensar, teorizar, avaliar e conduzir o processo terapêutico, que “instrui e produz o (re)conhecimento mútuo de dificuldades e de soluções encontradas na interlocução e na dialogia pelo afásicos” (COUDRY, 2002, p. 102).

Desta forma, a autora ressalta também a importância da interação dialógica, como sendo constitutiva da própria linguagem, uma vez que a incorporação do turno do interlocutor pelo sujeito em sua própria fala, seja ele afásico ou não, “atua como ponto de vista estruturante do próprio enunciado, da situação e da construção da realidade” (COUDRY, 2002, p. 108). Além do que, durante uma situação dialógica, o afásico alterna o turno discursivo com seu interlocutor, e, assim, a interlocução na afasia contribui com o fato de que o afásico pode (re)colocar os lugares e (re)tomar a expressão linguística para manifestar seu discurso e até mesmo suportá-lo em cima do discurso do seu interlocutor.

Essa forma de compreender e avaliar a língua, a linguagem e os processos de significação é o que foi chamada, por Coudry, de Teoria da Linguagem Enunciativo-discursiva: **enunciativo**, porque importa a enunciação para o outro/interlocutor, e **discursivo**, porque é como a linguagem se expõe como atividade significativa.

Nessa abordagem, a linguagem do sujeito afásico pode ser observada em práticas discursivas significativas, em que ele pode se engajar como sujeito de seu discurso, e, assim, as dificuldades gramaticais do sujeito podem emergir durante o uso da linguagem. Também é observado, por meio dessa abordagem, como esse sujeito lida com essas dificuldades, (re)significa sua linguagem em diversas

situações de interação social e como exerce diferentes papéis em situações dialógicas.

Por isso, uma abordagem como a enunciativo-discursiva torna-se adequada para se lançar um novo olhar não só para a linguagem dos sujeitos com lesão cerebral, mas também para os recursos semântico-gramaticais utilizados por eles, após a lesão, em situações de interação social.

É importante ressaltar que as dificuldades do sujeito com o uso da língua não podem ser associadas organicamente à lesão, visão conhecida como **localizacionista**, pois sujeitos com o mesmo tipo de lesão podem apresentar diferentes desempenhos linguísticos, e isso se deve às variações individuais e socioculturais (meio social, familiar, formação profissional, cultural, etc) de cada sujeito.

Novaes-Pinto e Santana (2009) criticam essa visão localizacionista pelo fato dela tentar classificar o tipo de afasia a partir dos sintomas que o sujeito teria, associando-os à área lesionada, por meio de uma bateria de testes neuropsicológicos. Esses testes são alvos de críticas por proporem tarefas metalinguísticas aos sujeitos e acabam não permitindo que as alternativas que o afásico utiliza para se fazer sujeito do seu discurso sejam observadas adequadamente.

Segundo Pacheco e Novaes-Pinto (2010, p. 568), “a literatura neurolinguística tradicional focaliza prioritariamente o conhecimento metalinguístico no estudo das chamadas ‘patologias de linguagem’”. Para as autoras, esse tipo de análise deixa, em segundo plano, questões pragmáticas e discursivas que poderiam revelar como funciona o sistema linguístico dos sujeitos cérebro-lesionados diante das dificuldades enfrentadas por eles em situações linguístico-interativas.

Para Novaes-Pinto e Santana (2009), o maior problema é que as classificações tratam a linguagem como se ela fosse separada do sujeito, descartando assim as variações e a subjetividade individual no uso da língua em situações reais. As autoras ainda argumentam que “a transposição direta de modelos formais de linguagem para a descrição e análise nas patologias é equivocada” (p. 19) e afirmam a importância, durante o tratamento e o acompanhamento de um sujeito afásico, (i) de se considerar algumas questões de

ordem sociocultural, como escolaridade, letramento, gêneros discursivos orais e escritos, (ii) da singularidade de cada caso, e (iii) de focar o modo como cada sujeito lida com suas dificuldades nas situações reais de interação, pois “são as práticas sociais, mediadas pela linguagem, que terão papel definitivo na reorganização da linguagem, dos processos cognitivos e da própria subjetividade” (p. 37).

Em vista do apresentado, consideramos a abordagem enunciativo-discursiva a mais adequada para analisar as estratégias discursivas utilizadas por RT, em atividades dialógicas, por incluir a subjetividade, própria no uso da linguagem, e por nos proporcionar uma visão ampla da variação individual em relação a outros sujeitos com o mesmo tipo de lesão.

A filosofia da linguagem de Bakhtin

Nesta subseção, apresentamos algumas considerações de Bakhtin sobre a linguagem para respaldar a análise proposta neste trabalho, uma vez que esse autor considera que a utilização da língua está relacionada a todas as atividades humanas e efetua-se por meio de enunciados que refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas atividades, não só pelo conteúdo ou estilo verbal, mas pela seleção lexical e a composição gramatical, fundindo-se no todo do enunciado (BAKHTIN, 1992a, p. 279).

Para Bakhtin, o enunciado é uma atividade; “um ato singular, irrepetível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas” (*apud* FARACO, 2009, p. 24).

Já a língua se desenvolveu historicamente pela vivência social dos indivíduos falantes e por pensamentos participativos e dos atos realizados como forma de experiências vividas, embora não seja possível dar sentido ao vivido totalmente pela expressão verbal, uma vez que enunciar é posicionar socialmente a partir de uma avaliação individual e frente a avaliações dos outros (FARACO, 2009, p. 26).

Bakhtin destaca que o universo da cultura é como um grande e infinito diálogo e, a partir dessa atividade dialógica, em que um fala e o outro responde, é que se dá a compreensão que é uma tomada de posição durante esse diálogo.

O autor afirma que “o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)” (BAKHTIN, 1992b, p. 92). Para o autor, a língua não gravita somente na norma e nas relações entre os elementos linguísticos, mas também na nova significação que ganha, dependendo da situação discursiva e nas relações entre pessoas, pois a forma linguística continua sempre a mesma, uma vez que é a expressão linguística que organiza a atividade mental no que se refere à linguagem e não o contrário.

Assim, a **enunciação** nada mais é que “o produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados”, ou seja, o enunciado se faz a partir da interação verbal entre dois indivíduos em situações comunicativas de fala, ou seja, em atividades dialógicas, afirma Bakhtin (1992b, p. 112). E mais, o enunciado não pode ser definido como um evento abstrato e passível de repetição. Na verdade, o enunciado é concreto, irrepetível e individual, sendo assim um elemento de comunicação que mantém relação indissociável com a vida, é um evento social. Por isso, não **cabe** em concepções estruturais e fechadas metodologicamente.

Bakhtin ressalta que a definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso.

Essas palavras de Bakhtin (1992a) fundamentam a necessidade de se olhar o enunciado quando se necessita buscar informações do estilo individual para explicar fatos linguísticos de sujeitos cérebro-lesionados, uma vez que estes produzem enunciados que fogem dos modelos teóricos que são construídos para esclarecer as dificuldades de seleção e de combinação de tais sujeitos.

Outro conceito proposto pelo autor importante nessa discussão é a **relação eu/outro**, pois cada um representa um universo de valores que toma uma posição axiológica a cada momento e em relação a valores sociais. Essa interação face a face de caráter social nunca pode ser reduzida a um simples encontro solto no espaço e no tempo, pois ela, embora seja única, irrepetível e singular, está organizada em um contexto social e ideológico no qual se manifestam relações dialógicas (FARACO, 2009).

Para que haja uma relação dialógica, tem que haver uma interação entre seres social e ideologicamente posicionados que produzam qualquer material linguístico dentro da esfera do discurso e manifestado por meio de enunciados.

Portanto, o **Ser** se reflete no **Outro** e refrata-se. Em relações dialógicas, o **Ser** constitui-se pelo **Outro** e nesse constituir-se, altera-se. Bakhtin nomeia tal fenômeno como princípio da alteridade. É necessário refletir “o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões e dizeres”, pois o **Eu** apenas existe a partir do **Outro** (GEGE, 2009, p. 13).

Bakhtin lembra que as relações dialógicas são possíveis tanto em enunciados completos ou relativamente completos, assim como em enunciados constituídos de uma única palavra desde que ela represente uma posição social e ideológica de alguém, isto é, existe enquanto enunciado.

Entendemos o conceito de **acabamento** como uma noção que se obtém por meio da relação do **Eu** com o **Outro**, como algo que o outro dá, e que só é possível a ele pela posição que ocupa em relação ao **Eu**, é uma “conferência de valores” aos elementos que completam o **Eu** e que são inacessíveis e transgredientes ao **Eu**. Assim, como vivemos em sociedade, o acabamento é sempre provisório, até um novo encontro, com outra pessoa, ou com outra situação de interlocução.

Em suma, concluímos esta subseção, ressaltando a necessidade de se considerar os conceitos apontados por Bakhtin para cumprir o objetivo deste trabalho.

Metodologia de trabalho

Os dados² mobilizados para a análise foram gravados durante uma atividade dialógica informal entre a investigadora (Inv) e o sujeito observado, denominado como RT. Embora sejam de apenas um dia de gravação, os mesmos se mostraram suficientes para caracterizar as estratégias discursivas utilizadas por RT no uso da linguagem quando em interação dialógica. Vale lembrar que optamos

² A gravação foi realizada apenas em áudio.

pelos dados obtidos informalmente para que pudéssemos observar as estratégias utilizadas por RT em práticas discursivas cotidianas. Posteriormente a investigadora fez a transcrição dos diálogos realizados entre ela e o sujeito RT a partir da percepção auditiva.

A linguagem de RT é analisada com base em uma metodologia qualitativa (COUDRY, 1986; NOVAES-PINTO, 1997, 1999; MINAYO, 1989, 1993) e respaldada pela abordagem enunciativo-discursivo acerca do funcionamento cerebral no estudo das afasias, conforme proposta de Coudry (1986).

É importante lembrar que “os testes servem para o diagnóstico tipológico, mas talvez só ao diagnóstico. O fato de um sintoma ou um conjunto de sintomas permitirem uma classificação correta não assegura a via explicação do fenômeno descrito”, afirma Coudry (1986) (*apud* NOVAES-PINTO, 2010). A argumentação de Coudry se fundamenta no fato de que, ao se colocar o afásico em tarefas como as que os testes envolvem, não é possível observar pistas dos processos envolvidos em meio às dificuldades dos sujeitos. Por isso nossos dados foram levantados a partir de práticas dialógicas e não por meio de testes neuropsicológicos.

Para Coudry (1995), os problemas linguísticos dos sujeitos cérebro-lesionados são formulados a partir do conceito de discurso, tomando como acontecimento discursivo aquele em que os processos significativos são determinados e construídos, uma vez que a significação não é apreendida por uma relação congelada entre a expressão verbal e o sentido, mas uma atividade construída a partir da troca de conhecimento por meio de atividades dialógicas. Então, como a linguagem é uma atividade constitutiva do sujeito, ressaltamos que os recursos expressivos utilizados para a comunicação, sozinhos, são insuficientes para a construção de processos de significação.

Assim, uma análise que considera os aspectos pragmáticos e discursivos, além de características individuais dos sujeitos, no estudo de alterações de linguagem de sujeitos com lesão cerebral se torna mais adequada para compreender os processos linguísticos dos sujeitos em atividades de interação com o uso real da língua, ou seja, da linguagem em exercício, pois a significação é construída no ato discursivo, com ou sem dificuldades de linguagem, permitindo,

portanto, observar os processos alternativos de que o sujeito se utiliza para estabelecer a significação de seus enunciados.

A adoção dessa perspectiva discursiva se faz necessária pelo fato de melhor dar conta dos dados de linguagem no contexto patológico, conforme afirma Novaes-Pinto (2010).

Como nosso interesse é o de observar as estratégias discursivas utilizadas por um sujeito afásico, no caso RT, para se manter como sujeito de sua linguagem, a metodologia compatível com a concepção de linguagem adotada e com a orientação enunciativo-discursiva é a qualitativa.

Conforme Paulilo (1999), a metodologia qualitativa trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, opiniões dos sujeitos investigados e procura aprofundar a complexidade dos fatos e processos particulares de indivíduos e grupos, os quais não podem ser captados por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação por estarem enraizados no contexto social e imersos na subjetividade e no simbolismo, demandando um estudo fundamentalmente interpretativo.

Em prol de se considerar o contexto social nas pesquisas qualitativas, Minayo (2000) ressalta que “a cientificidade tem que ser pensada como uma ideia de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos” (p. 12) e que, quando se trata de questões sociais, não se pode desconsiderar o que é histórico, pois não só o investigador dá sentido a seu trabalho intelectual, mas também a relação entre os seres humanos e a sociedade. A autora afirma que, no caso das Ciências Sociais, o objeto é essencialmente **qualitativo**, pois “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (p. 15) e que priorizar técnicas produz um formalismo **árido** ou respostas estereotipadas, e que não se deve desprezá-las também, pois uma metodologia deve incluir as concepções teóricas, as técnicas que possibilitam a construção da realidade e explorar a criatividade do investigador que é o que fará a diferença na pesquisa. O foco desse tipo de investigador é compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, considerando a subjetividade.

Minayo (2000, p. 21-22) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com:

Um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Em suma, consideramos que a análise de sujeitos com alterações de linguagem não pode ser relacionada apenas à mera performance, mas deve permitir inferências sobre a sua competência, a partir do seu funcionamento linguístico, o que por sua vez é possibilitado pela metodologia qualitativa.

O sujeito RT

As análises desenvolvidas neste trabalho são referentes aos dados obtidos de interação dialógica entre o investigador e o sujeito RT, nascido em 16 de julho de 1985, natural de uma cidade do noroeste do estado de São Paulo.

Aos 21 anos, RT foi atropelada por um ônibus quando conduzia sua bicicleta a caminho do trabalho (era professora de educação infantil e lecionava para turmas de reforço escolar no ensino fundamental em uma escola estadual – de 1ª a 4ª série), vindo a sofrer um traumatismo cranioencefálico (TCE). Na época em questão, RT era casada e morava com seu esposo e sua filha. Hoje, separada do marido, vive com sua filha na casa dos pais que cuidam das suas necessidades básicas de alimentação, locomoção, terapias, vida social, etc. RT cursava Pedagogia em uma faculdade da sua cidade, além de ter feito o curso de Magistério (hoje Normal Superior).

Antes do acidente, RT não tinha muito hobbies e seu interesse era apenas cuidar da casa e família e cursar a faculdade. Com relação a sua saúde, RT não apresentava histórico de vícios e de alguma doença. Seu único problema era de visão - usava óculos desde a infância, permanecendo com a deficiência visual após o acidente.

Após o acidente, RT ficou em coma por mais de um mês, sofreu uma traqueostomia enquanto hospitalizada e permaneceu no hospital por um período de aproximadamente três meses.

Quando voltou para casa, RT não andava, não falava, ainda estava com o orifício da traqueia aberto e não conseguia se alimentar sozinha. Com o passar dos meses e com a ajuda das sessões de fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia, RT foi

tendo uma recuperação espantosa, voltando a andar, adaptando o lado esquerdo do corpo para efetuar as mais diversas tarefas como escovar os dentes, comer, escrever, ir ao banheiro, e começou a produzir enunciados truncados, com pouca variedade lexical, mas coerentes com as situações discursivas.

Desde a volta para a casa, nas situações de convívio social com amigos e familiares, RT não demonstrava, e ainda não demonstra, ter dificuldades de compreensão da fala de seus interlocutores. Ainda produz sentenças reduzidas, cheias de pausas, anacolutos, num tempo de fala mais prolongado que o **normal**, com várias expressões cristalizadas, tem dificuldade de seleção e de combinação dos elementos lexicais, e principalmente com o uso de preposições.

Sobretudo nosso intuito nessa seção é apenas contextualizar o meio social e as condições sócio históricas do sujeito afásico em análise para podermos compreender o uso da linguagem após a lesão cerebral.

Episódios dialógicos com RT – análise e discussão

Como apresentado na seção anterior, os dados utilizados para nossa análise foram gravados durante uma conversa informal na casa de RT, entre ela, a Inv e F (acompanhante de Inv), registrados em 10 de fevereiro de 2011. É importante destacar que a investigadora e o sujeito RT já se conheciam e mantinham um contato antes da realização desse trabalho.

A escolha dessa conversa informal foi para que os dados pudessem evidenciar as estratégias utilizadas por RT para driblar suas dificuldades no uso da linguagem, como na busca palavras - dificuldades de acesso lexical -, na organização sintática truncada, marcada pela falta de verbo ou de preposições, e no uso de expressões cristalizadas, como preenchedores.

Durante esse encontro, do qual separamos apenas dois trechos (episódios dialógicos) para exemplificação das dificuldades e das estratégias discursivas utilizadas pelo sujeito, RT e a investigadora conversam sobre vários assuntos, como a rotina semanal de RT: as idas à fisioterapia, fonoaudiólogo, hidroterapia, etc, sobre o seu gosto musical, sobre viagens, etc.

Como observado, uma das dificuldades de RT é a de encontrar palavras, e a estratégia utilizada por RT para organizar seu discurso é produzir enunciados

curtos, com uma repetição constante de expressões cristalizadas e uma grande frequência de pausas. Veremos a seguir alguns trechos que exemplificam tais ocorrências.

Episódio 1: RT, Inv e F conversam sobre músicas, e RT quer lembrar o nome de um cantor que ela gosta.

- (1) RT: Quem que é esse? (Refere-se ao cantor da música que estava ouvindo)
- (2) F: Esse que a P (nome de Inv) passou... pra você.
- (3) RT: Qual que é?
- (4) F: dos Paralamas!... é dos Paralamas que você tinha copiado, P? não é os Paralamas, né?
- (5) Inv: Capital Inicial que ela queria. (Inv corrige F dizendo que o cantor que RT queria ouvir era outro e não o que F disse)
- (6) F: Capital Inicial, né.
- (7) RT: Tem... como que é... que chama??? (Momento em que ela tenta buscar o nome do cantor que ela desejava dizer, utilizando pausas e enunciados curtos)
- (8) Inv: Jota Quest.
- (9) RT: **não**... ai!... (tentando dizer o cantor que ela queria como se estivesse na ponta da língua)
- (10) Inv: Cassia Eller! Aquela cantora?
- (11) RT: Não... (momento em que ela começa a apoiar suas falas na fala do outro, no caso de Inv, para realizar o seu 'querer-dizer')
- (12) RT: ai... Eu gosto, cê falou... o homem... como que é? (agora, ela começa a dar pistas a seu interlocutor para que ele possa ajudá-la no seu 'querer-dizer')
- (13) Inv: do Sertanejo? (nesse momento o interlocutor dá o acabamento ao 'querer-dizer de RT com a participação dela)
- (14) RT: Isso, eu gosto... (chegam ao estilo musical, mas não ainda ao nome do cantor que RT queria dizer)

Como pode ser observado no episódio 1, RT tem dificuldade em encontrar a palavra desejada. Dessa forma, vai organizando seu discurso com pausas e sentenças curtas, em (3), (7), (9), (11) e (12).

Embora ela tente, RT não consegue dizer à investigadora o nome do cantor que ela queria. Sua interlocutora vai tentando adivinhar a palavra que RT buscava, e por se lembrar que RT gostava de música sertaneja, pergunta se seria um cantor desse estilo musical, RT então confirma.

Nesse sentido, o sujeito afásico depende mais dos enunciados de seus interlocutores e a eles recorre em processo de **especularidade** e de **complementaridade** (DE LEMOS, 1989).

Esses processos de especularidade e de complementaridade também são comuns na fase de aquisição de linguagem. De Lemos (1989) considera a especularidade (quando a criança é especular à fala da mãe), complementaridade (quando a criança é complementar à fala da mãe) e reciprocidade (quando a criança já consegue ter certa independência dialógica com relação à fala do outro), processos que ocorrem tanto na fala da mãe quanto na fala da criança.

Para De Lemos (1989, p. 64), o processo de complementaridade é aquele:

Em que o adulto, em um primeiro momento, e a criança em um momento posterior, retoma o enunciado ou parte do enunciado do outro e o complementa ou expande com outro elemento.

Com relação aos dados de RT, ainda no episódio 1, nos turnos (10) e (11), podemos notar essa complementaridade da fala de RT na fala do outro, quando RT faz tentativas reiteradas para expressar o seu **querer-dizer** que é completo pela fala de Inv. Em (12), ela fornece pistas para o outro, em busca de que o outro a ajude no seu **querer-dizer**, e, em (13), o outro consegue dar um fechamento ao que RT gostaria de dizer. Embora RT não tenha conseguido independentemente alcançar seu intuito discursivo, apropria-se da fala do outro para dar o acabamento ao seu discurso.

Outros fatos a serem destacados são as várias expressões cristalizadas utilizadas como **ai meu deus do céu**, **ai minha nossa senhora**, **pra falar a verdade**, assim como os enunciados curtos e as pausas, já observados anteriormente, e que são constantes na atividade discursiva de RT.

Episódio 2: RT e Inv falam sobre viagens, enquanto vêem as fotos da viagem que Inv fizera nas férias de janeiro de 2011.

- (1) Inv: Olha aqui!
- (2) RT: **ai meu deus do céu**... onde que é isso?
- (3) Inv: na praia... lá em Parati.
- (4) RT: **Parati**?
- (5) Inv: é o nome de uma cidade...
- (6) RT: **onde que é?**
- (7) Inv: no Rio de Janeiro.
- (8) RT: **ai minha nossa senhora**...

- (9) Inv: ah, mas é perto de Campinas, bem na pontinha do estado... quando acaba o estado de São Paulo, é o pedacinho do Rio de Janeiro... não é a cidade do Rio...
- (10) RT: **é longe?**
- (11) Inv: de Campinas não... daqui é... daqui é longe... mais longe que São Paulo... menos longe que Camboriú...
- (12) RT: **longe? mais?**
- (13) Inv: não... mais perto...
- (14) RT: **olha que bonito!**
- (15) Inv: bonita essa praia... não é essas praias cheia de gente...
- (16) Rt: **mas ninguém???**
- (17) inv: não tinha ninguém... é praia com pouca gente... (quebra do tópico discursivo quando olham a foto seguinte, pois Inv pede que RT olhe a foto) olha a água...
- (18) RT: **então... eu não gosto...** (RT afirma não gostar daquele tipo de praia que é pouco frequentada)
- (19) Inv: você gosta de barulho? (Inv questiona se RT gosta de praia movimentada)
- (20) RT: **claro.... nossa!.... Camboriú, tava assim oh...** (fazendo gesto com a mão para indicar que havia muita gente na praia quando ela foi em Camboriú)...
- (21) Inv: é...
- (22) RT: **tava lotado...**

Queremos chamar a atenção, mais uma vez, nessa segunda sequência dialógica (episódio 2), que assim como já ocorreu nos exemplos anteriores referentes ao episódio 1, há uma série de enunciados curtos, seguidos de pausas na organização discursiva de RT nas sequências em (2), (4), (6), (8), (10), (12), (14), (16), (18), (20) e (22) referentes ao episódio 2.

Essa estratégia de utilizar enunciados curtos e pausas serve provavelmente para suprir sua dificuldade em encontrar palavras (de acesso lexical) e de organização sintática.

As expressões cristalizadas são usadas por RT para preencher vazios sintáticos em situações em que ela não consegue articular enunciados, como estratégia também muito utilizada por falantes considerados **normais** (sem lesão cerebral), embora possam ser mais constantes no discurso de afásicos.

Embora tenhamos destacado algumas estratégias discursivas utilizadas por RT para driblar suas dificuldades com a linguagem, como as expressões cristalizadas, as pausas, os enunciados curtos e o apoio nos enunciados do interlocutor, ao dar a significação as suas falas, esta última parece ser a principal

estratégia discursiva que RT utiliza na construção de seus enunciados em atividades dialógicas.

Faraco (2009), nesse sentido, afirma que, para haver uma relação dialógica, algum material linguístico precisa entrar na esfera do discurso em forma de enunciado e para isso, é necessário que o interlocutor tenha fixado a posição de um sujeito social. Assim, é possível fazer réplicas ao dito, confrontar posições, acolher a palavra do outro, confirmá-la, rejeitá-la, ampliá-la e complementá-la.

Com base nessas considerações, podemos destacar que RT, ao enunciar o seu **querer-dizer**, consegue estabelecer relações de sentido em vários momentos a partir da palavra do outro, relações estas que geram significação responsivas a partir do encontro de posições avaliativas.

Bakhtin ainda mostra a amplitude das relações dialógicas, assim como a importância do papel do outro no diálogo (p. 121), ressaltando a confiança na palavra do outro e 'a estratificação de um significado que se sobrepõe a outro, de uma voz que se sobrepõe a outra voz' (*apud* FARACO, p. 68).

O que queremos destacar aqui é que RT confia/acredita na fala de seu interlocutor para ampliar sua compreensão do assunto sobre o qual dialogam, significando suas perguntas a partir das respostas da Inv, e tendo sua voz sobreposta pela voz de Inv no encadeamento do episódio discursivo o, que, por sua vez, vão se combinando e acabam ampliando a compreensão de RT durante a atividade dialógica.

Tratando do tema da autocontemplação no espelho, Bakhtin (1999) afirma que é ingênuo pensar que no ato de olhar-se no espelho há uma fusão, pois, quando alguém se olha no espelho, vê que olhos alheios olham em seus olhos, e não vê o mundo pelos seus olhos e com seu interior, mas vê o seu próprio interior com os olhos do mundo, pelos olhos do outro. Essas reflexões de Bakhtin passam pelo princípio da alteridade no sentido de que é necessário passar pela consciência do outro para se constituir, ou seja, o eu-para-mim-mesmo se constrói a partir do eu-para-os-outros, num vocabulário hegeliano.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma análise das estratégias discursivas utilizadas por um sujeito afásico, RT, quando este está em interação dialógica. Para realizar tal análise, optamos por uma metodologia qualitativa de trabalho que considerasse a linguagem do sujeito em práticas dialógicas, não utilizando uma metodologia que quantificasse as alterações de linguagem do indivíduo e as reduzisse a apenas o que foi perdido, mas que se observasse como esse sujeito reorganiza a sua linguagem após a lesão cerebral, buscando a significação em sua individualidade.

A abordagem teórica que respalda este trabalho é enunciativo-discursiva, conforme proposta de Coudry (1986). Utilizamos também as ideias de Bakhtin (1992ab) para suportar nossa análise no que se refere às noções de enunciado, acabamento e querer-dizer.

Ao longo dos dados, foi possível observar que as dificuldades de RT são relativas principalmente ao acesso lexical e à organização sintática, e as estratégias discursivas utilizadas por esse sujeito para enfrentá-las são o uso de enunciados curtos, pausas constantes, uso de expressões cristalizadas como preenchedores e o apoio nos enunciados do outro que a nosso ver, é o principal suporte discursivo que RT utiliza. Em suma, concluímos que o sujeito RT tem um papel central no uso da linguagem, atuando sobre os recursos linguísticos que lhe são disponíveis para produzir significados em situações dialógicas, mantendo interlocutor atuante em situações dialógicas.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª Ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992b.

COUDRY, M.I. H. **Diário de Narciso**: avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos de uma perspectiva discursiva. 1986. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas.

____ Neurolinguística e Linguística. In: Maria Irma Hadler Coudry. (Org.). **Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística**. 1ª ed. São Paulo: TecArt Editora, v. IV, 1995, p. 12-19.

____ O que é o dado em Neurolinguística. In: Castro, M. F. P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. 1ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 179-194.

____ Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 42, p. 99-129, 2002.

DE LEMOS, C. T. G. Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem: um percurso e muitas questões. In: I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem, 1989, Porto Alegre. **Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem**, CEAAL-PUC-RS, 1989, p. 61-76.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Ed. Parábola, 2009.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento**. Metodologia da Pesquisa Social Qualitativa em Saúde. São Paulo- Rio de Janeiro: *HUCITEC-ABRASCO*, 1989.

____ Quantitativo e qualitativo em indicadores de saúde: revendo conceitos. In: Maria Fernanda de Lima. (Org.). **Qualidade de vida e compromisso histórico da epidemiologia**. Belo Horizonte: COOPMEDI/ABRASCO, 1993, p. 25-33.

MINAYO, M. C. S. (Org.); COIMBRA, Carlos (Org.). Abordagens qualitativas em saúde. **Cadernos de saúde pública**, 3ª ed. Rio de Janeiro. v. IX, 1993.

MINAYO, M. C. S.; CRUZ NETO, O.; [DESLANDES, S. F.](#); [GOMES, R.](#) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOVAES-PINTO, R. C. **Agramatismo**: Uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem. 1992. Dissertação de mestrado (Mestrado em Linguística). Unicamp, Campinas.

____ Agramatismo e Processamento Normal da Linguagem. **Cadernos de estudos linguísticos** (UNICAMP), Campinas, v. 32, p. 73-85, 1997.

____ **A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas**. 1999. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística). Unicamp, Campinas.

____ Acesso lexical: discussão crítica sobre as pesquisas nas neurociências contemporâneas. **Estudos linguísticos**. São Paulo, v. 38, p. 271-284, 2009.

____ Quando se descarta o sujeito em favor de um modelo teórico: a ética nas pesquisas. In: **III Círculo: rodas de conversa bakhtiniana**, 2010, São Carlos. Círculo - Rodas de Conversa Bakhtiniana - Caderno de Textos e Anotações -

Bakhtin e a atividade estética. Novos caminhos para a ética. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. v. único. p. 289-291.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre, v. 22, p. 413-421, 2009.

PACHECO, M. C.; NOVAES-PINTO, R. C. Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente. **Estudos linguísticos**. São Paulo, v. 39, p. 568-577, 2010.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço social em revista**. Londrina, v. 1, n. 1, 1999.

Recebido em 24 de fevereiro de 2014
Aprovado em 08 de abril de 2014